



OS CAMINHOS DO LINHO



EXPOSIÇÃO

MUSEU DA ESCOLA SÁ DE MIRANDA

10 A 31 DE OUTUBRO 2014

Perde-se nos tempos a produção do linho. Em Portugal o seu cultivo está documentado na região de Entre Douro e Minho, mesmo antes da nacionalidade.

As suas fibras eram preparadas, fabricando-se o tecido; da semente extraía-se o óleo que era usado com fins medicinais, mágicos e religiosos ou usado em emplastros para tratar infeções. Hoje, a linhaça, é muito usada na alimentação ou para fins terapêuticos.

Na primeira metade do séc. XX, no Minho, não havia casa de lavrador que não cultivasse os seus próprios linhares. Hoje mantem-se viva esta cultura e a produção artesanal transmitida pelas gerações mais velhas e em alguns núcleos museológicos de Vila Verde, Fafe, Gerês, Barcelos, Póvoa de Lanhoso e Guimarães. Esta produção familiar apresentava sempre aspectos muito artesanais, característicos do auto abastecimento e resultava numa produção de panos, na grande maioria grosseiros que não podiam competir com a produção estrangeira e industrial. Apesar deste tipo de produção ainda encontramos belas peças de linho bordadas ou marcadas a ponto de cruz, cheias de significado para aqueles a quem se destinavam: eram os lenços de pedido (de namorados) as toalhas do Senhor e da Páscoa, das mãos ou dos açafates, os lençóis e as almofadas do enxoval, os rodapés das camas, as camisas dos homens e das mulheres, e outras peças.

O processo de produção e transformação do linho é muito demorado, custoso e possui uma ligação muito íntima com a vida da mulher no seio da família. Quase todas as fases de transformação passavam por mão feminina. A mulher era apreciada ou desdenhada, conforme a competência que demonstrava nos trabalhos do linho. As filhas acompanhavam as mães, aprendiam todos os rituais necessários, interiorizavam-nos como uma das obrigações femininas que lhes eram exigidas, como bem o prova o ditado popular: “Mãe, o que é casar? - Casar é fiar, parir e chorar...”. Os homens também executavam algumas tarefas sobretudo o amanho da terra, o arranque, o ripar, o transporte para a poça ou para o engenho e ainda acompanhavam as mulheres nas espadeladas servindo-lhes limonada, água pé ou executando outras tarefas de colaboração.

A sementeira era feita espalhando a linhaça na terra, previamente estrumada, lavrada, gradada e limpa de todas as ervas, onde se desenhavam umas leiras, limitadas pelos canais de rega. Com o nascimento do linho apareciam também as ervas daninhas, que eram retiradas por mulheres e crianças, para não prejudicar o crescimento do linho.

Arrancava-se passados três meses e transportava-se para a eira. Atava-se em molhos pequenos (manadas) e passava-se no ripador para retirar a baganha (cápsula que contém a semente -linhaça-). Concluída esta tarefa transportava-se para a poça onde ficava submerso durante uma semana a demolhar. Passada essa semana o linho era retirado da água, passado por água limpa e estendido ao sol, abrindo -se os molhos para que ficasse bem seco.

Estando seco era necessário separar as fibras lenhosas das têxteis o que podia ser feito por dois processos: ou se maçava na eira com um maço, que era uma espécie de bastão de madeira, com que se batia com força sobre o linho ou se utilizava um engenho de tração hidráulica, animal ou até manual. Este último processo era mais rápido e mais eficiente; as fibras lenhosas (arestas) soltavam-se mais facilmente e as têxteis ficavam enroladas no cilindro do engenho. Era a “manta” que se retirava com a ajuda de um gancho de ferro com que se puxava, ora de um lado ora do outro, até esta alargar. Segurava-se com as mãos e retirava-se, pousando-se na mesa do engenho. O engenho “cantava” em vazio, introduzia-se, de novo, o linho no engenho e com a mão bem firme, devagar e de forma uniforme para que a moagem ficasse bem feita.

Depois de moído, o linho era transportado para casa em carro de bois ou à cabeça, conforme as quantidades. A tarefa seguinte era a espadelada: o linho era batido com a espadela, seguro por uma das mãos, em manadas, colocadas sobre o espadeladou ou sobre o cortiço.

Junto com as arestas saíam algumas fibras têxteis, curtas e grosseiras, os tomentos que davam origem ao pano com o mesmo nome. As manadas, depois de espadeladas, eram agrupadas em número de vinte e quatro a que se dava o nome de afusal (unidade de medida do linho).

As espadeladas eram um trabalho feminino, coletivo, feito na eira, a que se juntavam também as vizinhas terminando sempre com uma merenda e a animação de uma rusga constituída por homens e moços que tocavam, cantavam e dançavam e a quem se juntavam as mulheres que entretanto tinham terminado o seu trabalho. Durante a espadelada as mulheres e alguns homens que por ali circulavam, cantavam, marcando o ritmo do bater da espadela.

O linho passava para o sedeiro. A mulher sentada em frente ao sedeiro, segurava o linho ora de um lado ora do outro, passando-o primeiro pelos dentes mais grossos e de seguida pelos mais finos e ficava separado o linho da estopa. Esta era guardada em manadas para ser fiada ao serão, o linho era artisticamente enrolado e atado nas pontas com o próprio linho, formando as estrigas. De um afusal faziam-se quarenta e oito estrigas.

Fiava-se o linho e a estopa, sobretudo, nos serões de inverno; os tomentos eram fiados por mãos menos experientes, muitas vezes as raparigas dos bois levavam-no na abada do avental para fiar enquanto guardavam o gado no monte ou no pasto. A fibra era enrolada na roca presa com a correia e o espicho que se encontrava numa das extremidades. As fibras do linho eram puxadas da roca com um fuso que a mão direita fazia rodar sobre si mesmo. A mão esquerda puxava as fibras com a ajuda do polegar e o indicador, ensalivando o fio para o tornar mais compacto e macio. O fio que se enrolava no fuso formava a maçaroca. Vinte e quatro maçarocas enroladas no sarilho formam uma meada.

As meadas eram branqueadas com água fervente misturada com cinza de lenha de videira e sabão. Na lareira usavam-se os potes, no forno do pão, os alguidares para fazer esta barrela. Quando a água ficasse fria, lavava-se com água abundante até ficar bem limpo e colocava-se no coradouro até atingir a brancura desejada. Dobavam-se as meadas com a ajuda da dobadoira e faziam-se os novelos; com estes enchiam-se as canelas, na caneleira.

A teia era urdida com fio de linho ou estopa e a lançadeira, cheia com a canela, atravessava a trama e dava corpo ao tecido.

O tecido de linho mais fino era usado para roupas de altar e enxovais mais ricos; com a estopa faziam-se roupas para os trabalhos do campo, sacos das sementes, panos da louça, colchões das camas e pagava-se salários das empregadas internas. O tecido de tomentos, que era o mais grosseiro de todos, servia para confeccionar as enxergas e alforjes para os machos do moleiro e todo o tipo de roupa dos grupos sociais mais pobres.

O linho não era apenas um complemento económico da exploração agrícola, a sua cultura tinha uma importância muito profunda na vida desta sociedade rural. O povo cantava o linho: “quando Deus criou o linho e mandou que o semeasse, aí não houve pastor na serra, aí nem anjo que não cantasse”. Esta quadra dá-nos bem a dimensão da importância da cultura do linho nesta sociedade rural. Desde tempos muito antigos que a linhaça e o seu óleo eram utilizados e continuam a ser, para fins terapêuticos; o próprio tecido, dada a sua durabilidade e características era usado em ligaduras e como proteção para as feridas. Depois de analisarmos as várias utilizações por que passou no decorrer dos séculos e os significados que assumiu, podemos afirmar que o linho pode ser considerada uma fibra muito nobre.

Maria Amélia Macedo Gomes da Costa Oliveira